

DISCURSO DE POSSE NO IHGMT

(23/09/2011)

Nileide Souza Dourado¹

Autoridades, Senhoras, senhores, prezados confrades e confreiras, convidados, familiares, especialmente minha mãe Dona Nena, aqui presente, em nome de quem cumprimento todos os presentes. É com intensa alegria e muita emoção que, ao lado dos valorosos e valiosos companheiros, Suzana e Vinícius, tomo posse em solenidade tão significativa.

Sinto-me honrada por entrar em instituição cultural tão representativa para o Estado de Mato Grosso, mas, se aqui estou foi pela vontade de Deus e pela aprovação unânime de todos os sócios, aos quais sou eternamente agradecida, porém em especial à Professora, Dra. Elizabeth Madureira Siqueira, minha eterna professora, amiga e companheira, pela indicação e recepção nessa Casa, mediante palavras tão amáveis. Obrigada de coração!

Gostaria de salientar também o quanto me é grata, em termos pessoais, a distinção que o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) me confere, “Sócia Efetiva”; por isso prometo exercer com a maior dignidade, zelo e assumir os encargos para os quais for designada.

O IHGMT é a mais antiga e importante instituição do gênero em Mato Grosso, fundado em 1º de janeiro de 1919 e instalada no dia 8 de abril do mesmo ano. Destina-se, é certo, a “zelar pela memória, pela história, geografia e cultura de Mato Grosso” -, um local consagrado à produção de pesquisas e de interpretações sobre o Estado. Nesse sentido, reitero a honraria de poder participar de instituição consagrada, que teve em seus quadros personalidades distintas, como *Dom Francisco de Aquino Corrêa; Joaquim Pereira Ferreira Mendes; Virgílio Alves Corrêa Filho; Estevão de Mendonça; Philogonio de Paula Corrêa; Antônio Fernandes de Souza; José Barnabé de Mesquita; Firmo*

¹ Mestre em História, PPGHIS/UFMT, historiadora da área técnica e científica do NDIHR/ICHS/UFMT. É atualmente aluna do Curso de Doutorado em Educação – História da Educação/ PPGE/Instituto de Educação/UFMT.

José Rodrigues; Isác Póvoas; Rubens de Mendonça; Luis-Philippe Pereira Leite; Gervásio Leite; Maria de Arruda Müller; Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues) e António de Arruda, apenas para elencar aqueles falecidos.

Dos contemporâneos, desnecessário tecer comentários, pois sua contribuição para a compreensão de Mato Grosso é evidente em suas publicações, reconhecidas regional e nacionalmente.

No estatuto da entidade, em seu Capítulo - II – *Dos Associados* - artigo 4.º - item I – determina que os “Efetivos [...] regularmente empossados ocuparão cadeiras com patronos definitivos.” (2009, p.02). Nestes termos, o patrono, escolhido para a minha cadeira será *Antônio Rolim de Moura!*

Antônio Rolim de Moura, nascido em 12 de março de 1709, em Portugal, filho de Nuno Manuel de Mendonça, IV Conde de Val de Reis, Comendador e Alcaide-mor das Comendas e Alcadarias e de Dona Leonor Maria Antonia de Noronha, filha do I Marquês de Angeja, D. Pedro de Noronha (MOURA, 1982, p.15).

Rolim de Moura foi o sexto filho de um total de dezesseis, que tiveram o IV Conde de Val de Reis e sua esposa – dos quais onze mulheres e cinco homens. Daquelas, só duas matrimoniarão; as nove restantes, ou morreram cedo ou entraram para os conventos e professaram votos, à exceção de uma que se conservou no século e faleceu solteira, com mais de 44 anos (Idem, p.15).

Dos rapazes, só o mais velho, Lourenço Felipe Nery de Mendonça e Moura, se casou, herdando o título do pai; dos quatro restantes – excetuando aquele de quem vamos especialmente falar, D. Antônio Rolim de Moura – todos seguiram a vida eclesiástica e ascenderam aos mais altos cargos nas respectivas escalas hierárquicas, chegando D. *José Francisco Miguel Antonio de Mendonça*, como Cardeal Patriarca de Lisboa. Uma vez que em Portugal, no século em questão, nem sempre foi possível casar filhos entre famílias pela falta de dinheiro para os dotes, preferindo os pais que os seus descendentes fossem vocacionados à vida religiosa (BASTOS, 1954, p.5- 6).

De acordo com a historiografia, desde cedo, o futuro Governador da Capitania de Mato Grosso, D. Antônio Rolim de Moura, foi dado ao estudo. Teve uma formação educacional capaz de fazê-lo glorioso, de uma sagacidade adequada para torná-lo verdadeiro em atitudes, dono de um *espírito crítico, humano e justo*, além de ser um jovem disciplinado nos estudos e um cristão exemplar.

Seus estudos não se limitaram à Filosofia e Teologia – abrange a sua instrução a todas as ciências – A Política dos Povos e das Gentes, que

forma o Direito público das Nações, um dos seus principais estudos. Apreciador das Matemáticas puras, das Ciências e Artes mais úteis. Estudou, também, a História Universal e a História de Portugal, que o tornou capaz de assimilar a importância do imperialismo português nas terras das conquistas. Homem de vasta e profunda erudição, em todas as Artes Liberais, perfeito na música, na poesia, equitação e na espada. O que se pode concluir que D. Antônio Rolim, além da educação normal de um nobre português da Corte, na época, teve também uma excepcional formação cultural e científica. Pessoa de grandeza e virtudes, por ter sido contemporâneo do Iluminismo, sua filosofia lhe trouxe conhecimentos das Artes mais precisas à nação portuguesa. D. Rolim foi conhecedor das Ciências Exatas e também um combativo militar português (CANOVA, 2011, p.56).

Antônio Rolim assentou praça de soldado no regimento de cavalaria de Alcântara, em Lisboa. Foi escolhido pela rainha de Portugal, Dona Maria Ana de Áustria, esposa de Dom João V, para exercer o cargo de Veador da Casa da Rainha. Assumiu também o cargo de Tesoureiro do Hospital de Lisboa; Cavaleiro professo da Ordem de Santiago. Ocupou o posto de capitão de Infantaria em um dos Regimentos da Corte (BASTOS, 1954, p.10). Assim, foi nomeado pelo Rei D. João V, em 1748, capitão-general para criar o governo de Cuiabá e Mato-Grosso, ocasião em que recebeu das mãos da Rainha, as *Instruções* relativas ao modo como devia proceder nessa Capitania de além dos mares. Foram essas Instruções que lhe serviram de orientação no encaminhamento das questões regionais, constituída de 26 artigos (SIQUEIRA, 2002, p.40-41).

O oficial, obedecendo ao rei, embarcou na cidade de Lisboa, na Ribeira das Naus, a bordo da caravela Nossa Senhora da Lampadoza, em 3 de fevereiro de 1749, seguindo em direção ao Brasil. O Governador da Capitania de Mato Grosso chegou a Pernambuco em abril de 1749. Em junho do mesmo ano seguiu para o Rio de Janeiro. No início de 1750 foi para São Paulo e a seguir viajou a Cuiabá. Antes da partida, Rolim e toda comitiva ouviram missa na igreja de N. Senhora da Penha. Depois, a Companhia de Dragões deu três descargas de tiros em honra à padroeira, começando o embarque (BASTOS, 1954, 27).

A viagem de Antônio Rolim da cidade de São Paulo à Vila de Cuiabá, em 1751, foi contada em carta e publicada em “Relação de Chegada”, em Lisboa, no ano de 1754, escrita pelo próprio Governador ao seu primo, conta a admiração que lhe causaram tanta terra e tanta água “*rios caudalosos, matos espessos e campos tão distantes, os animais, as plantas, os índios e os lugares*” (BASTOS, 1954, p.12).

No texto, há um rigor de dados que impressionam aos olhos do leitor contemporâneo, na medida em que detalhou a localização, descreveu os lugares, precisou a origem dos nomes, notadamente das cachoeiras, ou seja, o militar Rolim de Moura tudo viu porque lhe interessava cada pormenor das terras da América, motivo de contemplação e descrição.

A viagem na rota das monções do Cuiabá, feita pelo mandatário-mor da capitania de Mato Grosso, descrita no referido documento, revela que a tripulação da canoa do Governador foi paramentada em grande estilo, como as das *galeotas* em Lisboa (MOURA, 1982, p. 27).

Tripulação composta de 190 homens, distribuídos em, aproximadamente, 23 canoas, embarcadas pelo governador, missionários, oficiais, companhia de tenentes, soldados, remeiros e pilotos, cuja carga foi composta de *cunhetes*, de *bala e pederneira*, de *roupa precisa para o caminho*, *rede e mosquitoeiro*, *grandes fardos de mantimentos*, *barris e frisqueiras*, *o feijão*, *farinha e toucinho* e algumas galinhas, só para os doentes de maior perigo.

Além disso, três canoas pequenas, chamadas de *montaria*, iam adiante para pescar, caçar, longe do ruído que fazia a tropa, e suprirem com peixe e carne fresca as deficiências do mantimento transportado. Portanto, a navegação pelos onze rios apresentava perigo com as cachoeiras e sumidouros que sorviam as canoas, ventanias que ocasionavam grandes ondas, troncos submersos, troncos caídos que atravessavam margem a margem etc.

Os índios constituíam também outro perigo, principalmente os *Caiapós*, no Rio Grande e, do Taquari em diante, os índios canoeiros *Paiaguás*, e os cavaleiros *Guaicurus*. Nessa ocasião Rolim “adestrou” durante a viagem os soldados e tomou precauções especiais. Com esses cuidados e mais o reforço das canoas de guerra enviadas de Cuiabá, que esperavam no Taquari, os índios não se atreveram a aparecer (MOURA, 1982, p.31).

Assim, depois de mais de cinco meses, a viagem ia chegando ao fim. No dia 12 de janeiro de 1751, a expedição de D. Antônio Rolim de Moura chegou ao porto de Cuiabá. Ao saltar em terra foi saudado pelos dragões com três descargas de mosquetaria e por vinte e um tiros de peça. Aguardavam-no as autoridades da Vila – os Ministros, membros da Câmara e oficiais de justiça, os padres e as ordenanças da terra, de uniforme. E, no domingo seguinte, 17 de janeiro de 1751, tomou posse (Idem, p.32).

Rolim de Moura, não partiu imediatamente para a região do Guaporé. Quase todo o ano de 1751 – de janeiro a princípio de novembro – permaneceu em Cuiabá se inteirando dos problemas da Capitania e tomando as “primeiras providências administrativas”:

- I. Publicou bando anunciando as mercês concedidas pelo Rei aos que assistissem nas Minas do Mato Grosso, região do Guaporé;
- II. Publicou outro bando proibindo fazer guerra aos índios sem licença do Governo e proibindo que qualquer indígena saísse da Capitania;
- III. Concedeu cartas de sesmaria;
- IV. Providenciou a instalação da primeira aldeia de índios mansos.
- V. Autorizou as monções irem direto a São Francisco Xavier, sem terem que passar primeiro por Cuiabá, o que encurtava a viagem para as minas do Guaporé (MOURA, 1982, p. 35).

Portanto, a 3 de novembro de 1751, D. Antônio Rolim de Moura partiu para as Minas do Mato Grosso, para fundar Vila Bela da Santíssima Trindade (Vila Capital), a primeira capital mato-grossense, onde estabeleceu a nova povoação, em 19 de março de 1752, em cujo dia se levantou o pelorinho e foram nomeados capitão-mor e vereadores (MOURA, 1982, p. 40). Ali foram instaladas as repartições governamentais, construídos um palácio e uma igreja, assim como traçadas as ruas que comporiam a capital, de acordo com uma planta projetada em Portugal.

A escolha do local, pelo oficial português, se justificou por observar questões estratégicas de defesa e segurança dos moradores e, também, salvaguardar a entrada interior do Brasil, local vinculado à defesa da fronteira e construção territorial. Nesse dia de festividade cristã, o do Patriarca São José, Rolim fundou a cabeça do governo na fronteira, em lugar mais próximo do Guaporé e entre os seus dois principais afluentes (Sará e Galera), o que representou a legitimação do poder lusitano no extremo oeste da América Portuguesa, tendo D. Antônio Rolim de Moura como representante legítimo do Estado Português na América Portuguesa.

Rolim de Moura governou a Capitania de Mato Grosso por 13 anos, 11 meses e 4 dias, compreendendo o período de 1751 a 1765 (SIQUEIRA, 2002, p. 79). Em 1754, o Rei D. José I o nomeou Brigadeiro e depois o fez Conde de Azambuja e Marechal de campo dos seus exércitos. O despachou como governador da Baía de Todos

os Santos, aonde chegou aos 25 de março de 1764, de onde veio, em 1767, para o Rio de Janeiro, com o título de Vice-Rei a render o Conde da Cunha. Tomou posse e governou o Rio de Janeiro até outubro de 1769. Partiu para Lisboa e foi despachado pelo Rei D. José I e por sua augusta filha. Presidente do Conselho da Fazenda, Tenente General do Exército de S. Majestade do Conselho de Guerra, e Governador das Armas da Corte e Extremadura. Antônio Rolim de Moura faleceu em Lisboa, na noite de 8 de dezembro de 1782.

Rolim de Moura foi o oficial do Império luso português que estabeleceu a posse da Coroa da Portuguesa, na América, por toda a margem direita do rio Guaporé e cujo legado foi ter iniciado a consolidação das fronteiras mato-grossenses. Foi um hábil diplomata e suas qualidades, como administrador, soldado, homem de cultura e pessoa, merecem os nossos elogios e honrarias.

A minha proposta ao ingressar no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso é, além da produção intelectual que oferecerei à Instituição, dedicar aos trabalhos de organização, sistematização de documentos históricos, área na qual poderei oferecer contribuição.

Reitero meus agradecimentos e a honra de poder integrar a mais antiga instituição cultural de Mato Grosso ao lado de um grupo tão seleta de intelectuais.

REFERÊNCIAS

- BASTO, Artur de Magalhães. *D. Antonio Rolim de Moura. Governador da Capitania de Mato Grosso (Três Documentos)*. Coimbra: Editora, Limitada, 1954.
- CANOVA, Loiva. *Antonio Rolim de Moura e as representações da paisagem no interior da Colônia portuguesa na América (1751- 1764)*. Tese (Doutorado, em História). Universidade Federal do Paraná, 2011.
- MOURA, Carlos Francisco. *D. Antonio Rolim de Moura. Primeiro Conde de Azambuja; Biografia*. Cuiabá: NDIHR/UFMT/Imprensa Universitária, 1982 (Coleção Documentos Ibéricos – Série: Capitães- Gerais).
- NOTÍCIAS chronologica das pessoas que governaram a capitania de Mato Grosso, desde o ano de 1751 de sua criação. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typografia Universal de Laembert, v. 20, tomo 20, p. 282-283, 1857.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.